



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2017v6n1p137-148

PRÁTICAS DE FORMAÇÃO NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA: MULTIMODALIDADE E MULTIRREFERENCIALIDADE NO ENSINO DE INGLÊS

TEACHER TRAINING PRACTICES IN THE CONTEXT OF CYBERCULTURE: MULTIMODALITY AND
MULTIRREFERENCIALITY IN THE TEACHING OF ENGLISH

PRÁCTICAS DE FORMACIÓN EN EL CONTEXTO DE LA CIBERCULTURA: MULTIMODALIDAD Y
MULTIRREFERENCIALIDAD EN LA ENSEÑANZA DEL INGLÉS

Maria Amália Vargas Façanha¹

Simone Lucena²

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar experiências vividas em um curso de Letras Inglês, de uma universidade federal brasileira, com o foco nas práticas de letramentos envolvendo os ambientes de sala de aula e da rede social Facebook. As práticas desenvolvidas e as análises seguiram a perspectiva das teorias dos novos letramentos e multiletramentos e da multirreferencialidade, envolvendo práticas da cibercultura, como espaçostempos multirreferenciais de formação. A convergência de diferentes modos de produção de significado presentes em artefatos produzidos pelos discentes e o trabalho com mídias digitais apontaram para uma realidade em que, cada vez mais, a aproxi-

mação das práticas desenvolvidas na escola, as quais ainda estão muito centradas na modalidade linguística, com projetos multimodais já tão presentes no cotidiano das pessoas pode levar os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem a leituras mais críticas e significativas de questões do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Cibercultura. Multimodalidade. Multirreferencialidade

ABSTRACT

This article aims at presenting some experiences lived at an English undergraduate course at a Brazilian federal university with the focus on literacy practices that happened in the classroom and Facebook environments. The practices and the analysis followed the perspective of new literacies and multiliteracies as well as of multi-referentiality, through practices of cyberculture as *espaçostempos multirreferenciais*. They were developed at the classroom and Facebook environments. The convergence of different meaning making modes present in the artifacts designed by the students, and the work with digital media pointed to

a reality in which the proximity of school practices, which are still too centered in the linguistic modality, with multimodal projects already so present in people's daily practices can lead the agents involved in the teaching-learning process into more critical and meaningful readings of everyday issues.

KEYWORDS

Cyberculture. Multimodality. Multi-referentiality.

RESUMEN

Este artículo tiene el objetivo de presentar experiencias vividas en un curso de Letras Inglés, de una universidad federal brasileña, con el foco en las prácticas de alfabetización que involucran los ambientes de aula y de la red social Facebook. Las prácticas desarrolladas y los análisis siguieron la perspectiva de las teorías de las nuevas alfabetizaciones y multialfabetización y de la multirreferencialidad, involucrando prácticas de la cibercultura, como espacios y tiempos multirreferenciales de formación. La convergencia de diferentes modos de producción de significado presentes en artefactos producidos por los discentes y el trabajo con medios digitales apunta a una realidad en que cada vez

más la aproximación de las prácticas desarrolladas en la escuela, las cuales todavía están muy centradas en la modalidad lingüística. Con proyectos multimodales ya tan presentes en el cotidiano de las personas puede llevar a los agentes involucrados en el proceso de enseñanza-aprendizaje a lecturas más críticas y significativas de cuestiones de lo cotidiano.

PALABRAS-CLAVE

Cibercultura. Multimodalidad. Multirreferencialidad.

1 INTRODUÇÃO

As transformações vivenciadas atualmente na sociedade, sejam de ordem tecnológica, social, cultural ou econômica, têm potencializado reflexões sobre novas possibilidades de ensinar e aprender para além da utilização dos livros didáticos, com conteúdos estáticos, do falar-ditar do professor que não considera os saberes e fazeres dos alunos. Dentre as possibilidades que podemos utilizar na educação está a multimodalidade, que é a utilização de diferentes formas de comunicação com textos, imagens, vídeos, áudios, gestos, cores etc., na construção de significados. Esta multimodalidade pode ser também utilizada em *espaçotempos*¹ multirreferencias (LUCENA; OLIVEIRA, 2017), os quais possibilitam diversos olhares e diferentes perspectivas de compreensão de um objeto de estudo.

Nesse sentido, escolhemos compartilhar experiências com multiletramentos vividas no curso de Letras Inglês da Universidade Federal de Sergipe, relacionadas à disciplina Literatura de Língua Inglesa VI, a qual foi ministrada pela primeira autora que assina este texto², as quais envolveram práticas da cibercultura, como *espaçotempos* multirreferencial de formação. Para tal, analisamos as práticas de letramentos desenvolvidas por meio da participação dos alunos em grupo fechado criado no site da rede social Facebook, com atenção especial ao processo de produção de sentidos (GEE, 2003) e ao caráter multimodal da comunicação (KRESS, 2000).

Criamos um grupo fechado no Facebook (ideia aprovada por todos os agentes envolvidos) com a intenção de que a interação ganhasse outras dimensões, na expectativa de que as discussões feitas em

sala de aula pudessem extrapolar as paredes da sala e continuar em outros *espaçotempos*, de maneira mais espontânea, ampliando-se as oportunidades de compartilhamento de ideias e de informações. Trazer a Web 2.0 para nossas práticas foi no sentido do que afirmam Moreira e Januário (2014, p. 68): “parece-nos que faz cada vez menos sentido manter modelos de organização curricular ‘pré-digitais’ centrados numa organização rigidamente hierárquica de conteúdos estáticos sob o controle do professor”.

Incentivamos os alunos a serem coautores do processo de planejamento das aulas, também, sugerindo materiais e atividades diversos, o que acabou acontecendo com mais frequência no grupo da rede social. Para trabalharmos o caráter multimodal da comunicação, procuramos embasamento nas teorias dos novos letramentos e multiletramentos e na relação entre as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e a educação.

Desde o início do semestre, as discussões foram conduzidas tanto em inglês quanto em português, por meio de diferentes modos de produção de sentidos: leituras das obras literárias; análise de letras de música, imagens e sons; entrevistas, trechos de filmes e peças teatrais; eventos do cotidiano que pudessem remeter às temáticas da disciplina; e comentários feitos no grupo a respeito das postagens compartilhadas Facebook.

2 REDE SOCIAL, MULTILETRAMENTOS E MULTIRREFERENCIALIDADE

Atualmente, muito se discute sobre a crise nas escolas, com foco no aumento da desmotivação de alunos diante de aulas ministradas sob perspectiva que não considera o diálogo e os saberes discentes. Para Sabilia (2012, p. 13) “A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto

1. A escolha por esta forma de grafia é inspirada nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos desenvolvidos (ALVES, 2015) que aponta para a necessidade de superarmos as dicotomias herdadas a partir do desenvolvimento das ciências modernas que exigiu a busca de formas de escritura que indicassem os limites que as mesmas significam para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

2. Por se tratar de um trabalho de análise feito em coautoria, escolhemos usar sempre a forma plural, mesmo quando se trata da vivência de sala de aula de apenas uma das autoras.

seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI.” A autora chama a atenção para o fato de que a causa desse complexo descompasso é histórica e que não se restringe apenas à ampliação do uso das TIC na sociedade contemporânea.

Entretanto, a partir da disseminação das tecnologias conectadas em rede, da Web 2.0 que possibilitou o compartilhamento, a colaboração, a autoria e coautoria dos praticantes culturais e o desenvolvimento da cibercultura que são as práticas socioculturais desenvolvidas a partir de interações com as tecnologias e com o ciberespaço – o fosso entre a escola clássica e os novos modos de ser dos alunos se ampliou exponencialmente.

A esta nova geração hiperconectada, que se comunica de forma ubíqua, utilizando dispositivos tecnológicos móveis e produzindo conteúdos, Serres (2013) chamou de “polegarzinha”. Por serem sujeitos que acessam instantaneamente as informações e que agem como a(u)tores do mundo a sua volta. Serres (2013, p. 26) questiona: “O que transmitir? O saber? Ele está agora por todo lugar, na internet, disponível, objetivado. Transmiti-lo a todos? O saber inteiro passou a estar acessível a todo mundo.

Como transmitir?” Não é possível responder a estas questões em poucos caracteres e na finitude das páginas deste trabalho; por essa razão, sem a pretensão de apresentar respostas ou modelos, relataremos aqui uma experiência de prática de formação na cibercultura cujo principal objetivo foi proporcionar aos alunos *espaços tempos* multirreferenciais onde eles pudessem se expressar de diferentes formas, ampliando os estudos e debates para além da sala de aula.

A multirreferencialidade é uma epistemologia que nos inspira a pensar as interfaces da internet como *espaços tempos* plurais com saberes distribuídos e não hierarquizados. Segundo Berger (2012, p. 26), a multirreferencialidade

[...] é primeiro de tudo, o fato de a heterogeneidade radical aparecer em toda situação, em toda emergência do ator, quer seja uma situação escolar onde as perspectivas do aluno, dos professores, da instituição edu-

cativa, dos familiares não poderiam tornar-se homogêneas, quer seja em uma situação de formação onde o formado, formador e demandante da formação devem confrontar suas perspectivas.

Nesse sentido, consideramos o site de rede social Facebook como sendo um espaço tempo multirreferencial para a ampliação das discussões iniciadas na sala de aula. Recuero (2009, p. 102) nos alerta que “sites de redes sociais são espaços utilizados para expressão das redes sociais na Internet”. Ainda de acordo com esta autora, “embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão redes sociais, eles não são, por si redes sociais” (RECUERO, 2009, p. 103). A experiência aqui relatada foi realizada numa disciplina presencial com carga horária semanal de 60 horas, com seu espaçotempo de debate ampliado para possibilitar que outros elementos e produções dos alunos pudessem ser apresentados e discutidos.

O foco da disciplina estava voltado para os estudos relacionados às produções da literatura pós-colonial, em língua inglesa. As atividades desenvolvidas foram pensadas e construídas de forma colaborativa, constituindo-se como práticas de letramento, sob a perspectiva de Street (2014, p. 147), o qual toma o conceito de ‘eventos de letramento’ de Heath (1982) e o desenvolve, destacando o seguinte:

Para Heath, o termo “eventos de letramento” se refere a “qualquer ocasião em que um trecho de escrita é essencial à natureza das interações dos participantes e a seus processos interpretativos” (Heath, 1982). O conceito de “práticas de letramento” se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita. (STREET, 2014, p. 18).³

Para melhor ilustrarmos essas questões, vamos pensar na aula como um evento de letramento, no qual há uma combinação de elementos: textos são lidos e discutidos, vídeos com entrevistas ou vídeos são assistidos, tudo acompanhado de anotações,

3. As citações originais em inglês foram traduzidas pelas autoras deste texto.

perguntas e comentários dos agentes envolvidos naquele processo. Nesse sentido, conforme destaca Mattos (2015, p. 89): “eventos de letramento constituem ações observáveis enquanto que práticas de letramento são mais abstratas e nem sempre são observáveis”. Pensando de forma mais ampla, também de acordo com análise de Street (2014, p. 18), entendemos que as práticas de letramento não dizem respeito apenas ao evento, “mas a concepções do processo de leitura e escrita que as pessoas sustentam quando engajadas no evento”.

Entendendo que os significados construídos pelos sujeitos envolvidos nas práticas de letramento (discentes e docentes) são sempre plurais e, reconhecendo que as diferentes formas de ler, escrever, falar, ouvir, ver, sentir etc., são trazidas para sala de aula de acordo com as variadas práticas sociais e culturais presentes em diversos contextos, buscamos trabalhar os conteúdos da disciplina por meio de diferentes formas de criação e de expressão de sentidos.

Nossas práticas foram pensadas sob a perspectiva dos novos letramentos e multiletramentos, considerando-se a natureza multimodal de nosso mundo semiótico, em que a língua, por si, é um fenômeno multimodal (KRESS, 2000) e que ela e os outros modos de produção de sentidos “são recursos de representação dinâmicos, constantemente refeitos por seus usos à medida que eles atuam para atingir seus vários propósitos culturais” (COPE; KALANTZIS, 2000, p. 5). Assim, os conteúdos foram trabalhados por meio de textos variados (escritos, orais e visuais), produzidos por diferentes modos: impresso, digital, vídeos (entrevistas, propagandas e videoclipes) e áudios, trazendo para as aulas de literatura uma proposta de diálogo com outras formas de arte, principalmente com o cinema, o teatro e a música.

O trabalho com diferentes gêneros textuais seguiu a compreensão de Kress (2000) a respeito do caráter multimodal presente em todos os textos; e de Marschuschi (2008, p. 161) sobre os gêneros textuais quando ele destaca que eles são “atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exer-

cício do poder. [...] são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia”.

Foram várias as obras literárias de língua inglesa (prosa e poesia) trabalhadas ao longo do semestre, mas daremos destaque aqui aos eventos de letramentos mais diretamente ligados ao romance *Americanah*⁴, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2013), cujo enredo foi trabalhado ao longo do semestre, culminando com a produção de artefatos como parte da avaliação final da disciplina. Artefatos são aqui entendidos sob a perspectiva de Certeau (2011) que considera as produções dos praticantes culturais como artefatos culturais impregnados de sentidos próprios. Por esta razão, as produções realizadas pelos alunos a partir da leitura do referido romance, estão carregadas da cultura local, dos sentidos e significados atribuídos por eles ao conhecimento apreendido.

Nossa análise, envolvendo o processo de criação desses artefatos foi feita com base no que postula a pesquisa-formação na cibercultura, quanto aos papéis dos atores no desenvolvimento do projeto de letramentos (docente e discentes), assumindo lugar consciente de pesquisadores em potencial e de coautores. Isso posto, segundo essa perspectiva:

A neutralidade considerada um ponto forte pelos métodos da ciência moderna é descartada, pois somos seres dotados de experiências, vivências, sentimentos que se hibridizam em nossos atos como envolvimento pessoal multidimensional (emocional, sensorial, imaginativo, criativo e racional). Cada uma dessas dimensões deve ser integrada no envolvimento pessoal a partir da implicação dos participantes. Assim, os praticantes culturais implicam-se interativa e recursivamente em que cada um reconhece o outro como coautor da pesquisa. (SANTOS; MADDALENA; ROSSINI, 2016, p. 98).

O trabalho com as leituras produzidas por autores pós-coloniais, conforme já mencionado, manifestou-se por meio de diferentes modos de produção de sentidos e diferentes gêneros textuais. Desde o início, os discentes foram incentivados a ajudarem a desenhar

4. Terceiro romance da autora, considerado pelo *New York Times* como um dos 10 melhores livros de 2013. Ficou reconhecida também por suas palestras: *O perigo das histórias únicas* (2009) e *Todos deveríamos ser Feministas* (2012).

as práticas de letramento envolvidas naquela disciplina, por meio da sugestão de leituras e de materiais, o que ficou mais evidente no grupo criado no site da rede social Facebook. O formato da avaliação final também teve a participação desses agentes.

Todos foram motivados a trazerem elementos de suas práticas sociais e culturais que pudessem dialogar com o programa do semestre, o que contribuiu para que cada participante atribuísse novos sentidos às práticas desenvolvidas. Eles foram desafiados a desenvolverem artefatos diferentes dos formatos tão próprios da academia, os que priorizam com o modo escrito e impresso. A proposta visou dar a eles a chance de se manifestarem de forma mais criativa e artística, por meio de produções multimodais. Nossa escolha em propor a aproximação entre a sala de aula e as redes sociais considerou o fato de que, segundo Santos e Rossini (2014, p. 85):

Com o advento da Web 2.0, as redes sociais se tornaram um espaço de encontros, desencontros, enunciações, negociações e ativismos. Nesse sentido, práticas culturais anteriormente legitimadas estão sendo dinamicamente reconfiguradas pela sociedade conectada em rede.

Sobre a participação dos alunos, destacamos o seguinte: todos os 32 membros interagiram no grupo do Facebook, em maior ou menor escala. Alguns apenas curtiam as postagens; outros iam mais além, compartilhando informações, tecendo comentários. Metade da turma participou, postando notícias e informações. Foram compartilhados: vídeos de entrevistas, imagens, vídeos, além dos artefatos produzidos como parte das atividades avaliativas relacionadas com as temáticas das aulas.

Buscamos, entendendo que a construção de sentidos acontece na interação social, incentivar os alunos a estabelecerem diálogos por meio de conexões contínuas entre a obra *Americanah* e as outras obras analisadas, bem como com outras formas de manifestação

cultural: música, fotografia, imagens, dança e teatro. Apresentaremos, de maneira geral, algumas das práticas de letramentos vividas com o grupo, com o foco nas relações que se estabeleceram na rede social.

O trabalho com o romance *Americanah* trouxe elementos para análise da cultura africana e das interferências que a cultura norte-americana pode ter nas pessoas que passam algum tempo mergulhadas no cotidiano dos Estados Unidos da América (EUA), no caso, as de origem africana. Um dos elementos centrais desse romance, que tem ligação com a identidade dos africanos ou dos afro-descendentes, é o 'cabelo', o que despertou o interesse de vários participantes da disciplina, sendo isso manifestado por meio das postagens no Facebook e de algumas das produções dos alunos. A imagem escolhida pelo aluno que tomou para si a tarefa de abrir o grupo no Facebook³, como a imagem da linha do tempo, apresenta o seguinte comentário da autora, em entrevista concedida para o jornal *The Guardian* (KELLAWAY, 2013), sobre o romance em análise:

Americanah é uma história de amor. Eu quis escrever uma história de amor à moda antiga, sem desculpas. Mas ela é também sobre raça e sobre como nos reinventamos. Ela é sobre como, quando deixamos nosso lar, nos tornamos outra versão de nós mesmos. E ela é também sobre cabelo.

Docente e discentes, em nossos papéis de pesquisadores, trouxemos vídeos do Youtube, imagens e textos diversos da Internet para as discussões (sala de aula e Facebook), como é o caso de matérias compartilhadas por um aluno e uma aluna sobre ocorrências de racismo que ficaram bastante em evidência nas mídias. Uma delas envolveu a ex-primeira dama dos EUA, Michelle Obama e a outra, uma mulher brasileira, no Rio de Janeiro, conforme pode ser observado abaixo.

5. Todas as tarefas foram negociadas desde o início da disciplina, no sentido de trazer para os alunos a vivência mais concreta de coautores de todo o processo envolvido nas práticas de letramentos desenvolvidas no semestre.

Figura 1 – Notícias que circularam pelas redes sociais e grande mídia.



Fonte: Fotos tiradas pelas autoras, de postagens no grupo criado no Facebook.

Essas participações dos alunos demonstraram uma sintonia entre conteúdos escolares e ocorrências do cotidiano, despertando o interesse dos outros participantes da disciplina. Os comentários provenientes dessas postagens aconteceram no ambiente da sala de aula, no idioma alvo da disciplina: o inglês. Também é interessante mencionar que o tema racismo foi apresentado por meio de ocorrências externa (EUA) e interna (RJ), o que promoveu momento de reflexão de aproximação entre o global e o local, o que é compreendido como positivo no processo de formação crítica da cidadania.

A música também fez parte da dinâmica das aulas, sendo um elemento bastante presente no grupo no Facebook. No início das atividades do semestre, exibimos o videoclipe da música *Mufete*, do cantor e compositor Emicida e trecho da entrevista concedida por ele no programa *Cultura Livre*, no qual fala a respeito do processo de criação das músicas do CD intitulado *Sobre Crianças, quadris, pesadelos e lições de casa*, resultado de sua experiência na África. Em sua fala, o artista aborda a questão da quebra de estereótipos que ele próprio carregava, da visão ‘estrangeira’ a respeito da cultura africana e do sentimento de encontro com suas raízes, o que tinha ligação direta com os objetivos da disciplina.

A partir dos diálogos que surgiram dos novos olhares a respeito da obra do artista e das análises da obra

Americanah, postagens voltadas para a valorização das culturas africanas foram surgindo no grupo no Facebook, o que também foi observado nos artefatos produzidos pelos grupos. Alguns exemplos de compartilhamentos são: postagem a respeito de manifestações culturais africanas reunidas em festivais considerados como os 10 melhores no gênero (MAGAZINE..., 2014) e do vídeo *2 minutos para entender – Desigualdade Racial no Brasil*, esse último produzido pela revista Superinteressante.

O fluxo das postagens reforçou a dinâmica proposta para a disciplina, acentuando o papel de pesquisadores (docente e discentes), os quais trouxeram vários exemplos de entrevistas e videoclipes encontrados no Youtube; e de notícias e imagens encontradas em sites na Internet (nacionais e internacionais), conforme já mencionado. A experiência com outras produções de artistas negros contribuiu para aprofundar as discussões ao longo do semestre, ampliando o leque de análise e de olhares para as obras pós-coloniais.

Trabalhos de duas artistas também merecem destaque como importantes elementos de nossas práticas: Grada Kilomba e Sona Jobarteh. A primeira é escritora, artista interdisciplinar e teórica portuguesa radicada na Alemanha. A segunda é cantora, compositora e multi-instrumentalista nascida em Londres, com fortes origens africanas (Gambia). Em relação à

Grada Kilomba (2016), trabalhamos com vídeo da obra *While I Write*⁶, em que ela aborda o ‘Eu’ que se manifesta ao tomar a posição do sujeito social que conta sua própria história, enfrentando seus medos, e que não se entende representado mais como um sujeito silenciado por narrativas coloniais. Também trouxemos um vídeo de uma leitura coletiva de palco, de trechos do livro *Plantation Memories*, da mesma autora (2016). A obra trata de episódios de preconceito do cotidiano.

De Sona Jobarteh, trabalhamos com o videoclipe oficial da música *Gambia* (JOBARTEH, 2015), de sua autoria. Analisamos vários modos presentes naquela produção: movimento, cores, melodia e imagens. As análises das obras apontaram para o reconhecimento das relações de poder, visões de mundo daquele grupo envolvido nos estudos da literatura pós-colonial, possíveis visões estereotipadas, marcadas pelo preconceito etc.

3 O CARÁTER MULTIMODAL NOS ARTEFATOS PRODUZIDOS

As produções multimodais citadas até aqui são alguns exemplos que certamente contribuíram como inspiração para a produção dos artefatos apresentados tanto no grupo no Facebook quanto em sala de aula, no final do semestre. As imagens foram sempre muito presentes ao longo das análises, compreendendo diferentes aspectos da cultura africana, com ênfase para o colorido das vestimentas, os movimentos dos corpos em relação às danças, para os sons produzidos e para os vários estilos de penteado, reforçando a questão bem marcada no romance: o cabelo e o que ele carrega de cultura e de identidade.

Exemplo do uso de textos visuais multimodais está no compartilhamento e na construção de artefatos no formato *meme*, gênero que foi bem explorado pelos

6. *Enquanto eu escrevo* é uma produção visual que foi apresentada na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, como uma das três partes do projeto intitulado *The Desire Project: While I Speak, While I Write e While I Walk*. Esse vídeo reúne diferentes modos de produção de significado, com o foco na palavra escrita, no som de tambores e nas cores preta e branca (KILOMBA, 2015).

grupos, ao longo das análises. Os significados construídos estão ligados às conversas provocadas principalmente pelas leituras do romance *Americanah*, sobre a relação entre cabelo, preconceito e identidade. Maciel e Takaki (2015, p. 55), citando Lankshear e Knobel (2007, p. 211), definem memes como “tudo o que pode ser copiado de uma mente para outra e que ‘diretamente molda e propaga ações-chave de um grupo social’”.

Ao percebermos o interesse dos alunos por esse gênero discursivo, reconhecemos que esse tipo de produção poderia contribuir para motivar os alunos a criarem artefatos com base nesse elemento comunicacional tão presente na contemporaneidade, principalmente nas redes sociais, estando em sintonia com a proposta de ruptura com apresentações acadêmicas com foco principalmente na modalidade escrita, uma vez que:

Os memes não somente constituem textos que deflagram discussões maiores para o entendimento das diferenças na sociedade, mas também servem de estímulo para criação e recriação, como tarefas pedagógicas que ampliam a prática de línguas, propiciando a autoconfiança, a autoria multimodal e a crítica dos aprendizes. (MACIEL; TAKAKI, 2015, p. 64).

Nesse sentido, destacamos a produção abaixo, um dos *memes* criados por um aluno, cujo projeto desenvolvido compreendeu a relação entre cabelo e identidade, em sintonia com o tema de *Americanah*.

Figura 2 – Meme produzido por aluno como um dos artefatos de seu grupo.



Fonte: Foto tirada pelas autoras, de postagem no grupo criado no Facebook.

Além dos *memes*, vídeos com trechos de entrevista elaborada e conduzida por ele também fizeram parte do conjunto de artefatos apresentados por seu grupo. O foco estava na experiência vivida por alguém a respeito de situações de preconceito relativas ao seu tipo de cabelo. Inspirado nas discussões sobre o romance e motivado pela possibilidade de apresentar sua interpretação por meio de formato de produção diferenciado do padrão acadêmico, ele fez uso de uma fotografia da pessoa entrevistada (texto visual), acompanhada da frase (texto escrito): “Meu cabelo não atrapalhou meu doutorado”.

Outro exemplo de artefato escolhido para esta análise contou com modos de produção de significados também muito presentes no cotidiano, cujo caráter multimodal foi bastante explorado. Um aluno criou

uma narrativa em forma de curta-metragem, com duração de aproximadamente 5 minutos, sem falas, mas com algumas recorrências da linguagem escrita: as palavras *religion, behavior, society e culture* foram pintadas na pele da pessoa (gênero feminino) com a qual ele contracenou. No final da narrativa também foi utilizado um desenho que remetia a algum símbolo relacionado à cultura africana, acompanhado do elemento fogo, fechando essa narrativa visual.

O aluno explorou o modo gestual e usou uma canção que faz parte de gênero musical muito apreciado por ele: o *heavy* metal, cuja letra dialogou com a mensagem que ele pretendia passar: a da condição de supremacia de uma cultura sobre outra, em sintonia com as discussões a respeito dos estudos da disciplina: a influência da cultura branca europeia sobre a africana.

Figura 3 – *Supremacy*, curta metragem produzido por aluno



Fonte: Foto tirada pelas autoras de postagem no grupo criado no Facebook.

O artefato (vídeo) produzido está disponível no YouTube⁷, visível para todos os públicos, desde 20 de novembro de 2016. Apresenta, até o momento desta análise, 113 visualizações (com a manifestação de 14 curtidas positivas e 0 negativas), com a seguinte descrição:

O vídeo foi desenvolvido inspirado no pós colonialismo europeu na África, como os resquícios da cultura

branca em países africanos ainda é uma presença forte. Trabalho desenvolvido para a matéria de Literatura Inglesa VI da UFS (Universidade Federal de Sergipe). Inspirado na Obra Americanah, trilha de *Supremacy*, versão da cantora finlandesa Tarja, direção Renan Cardoso, Edição Alan Jone, Atriz convidada Ellen Caroline.

Um dado interessante a ser destacado é que essa visibilidade foi escolha dele, indo além do que fora decidido por todos os participantes, no início das

7. Disponível em: https://youtu.be/_bqg7tqiFLE. Acesso em: 30/05/2017.

atividades, de que o grupo criado no Facebook fosse fechado, para que somente aquela comunidade tivesse acesso às postagens. A segurança em divulgar sua produção, sem restrições de visualizações, deu-se ao fato de que, segundo ele, essa já seja uma prática habitual, presente em sua relação com as mídias sociais, o que pudemos constatar por meio de sua participação no grupo criado para a disciplina e de sua página pessoal no Facebook.

Ele foi protagonista do curta e usou os espaços da universidade como cenário. Esse foi um trabalho produzido colaborativamente, envolvendo também pessoas externas ao grupo: uma aluna de outro curso para contracenar com ele e um amigo que o ajudou na edição do vídeo, o que aproximou as práticas extracurriculares do aluno com as da academia, naquele projeto de letramentos. O curta foi gravado propositalmente em preto e branco e todos os elementos: música, objetos, cenário, movimentos, imagens, gestos e interpretação cênica estavam em harmonia.

Entendemos que essa e outras experiências envolvidas nas práticas desenvolvidas na disciplina, as quais estão embasadas na noção de que os letramentos envolvem práticas sociais situadas e plurais, podem ser compreendidas como uma forma de ampliar:

[...] o escopo de competência da escola para que leve em consideração os efeitos multissemióticos, políticos, culturais e sociais. Sob esse viés, a instituição escolar, além de desenvolver práticas letradas no âmbito da leitura e da escrita, deve oferecer lentes para que os discentes possam relacioná-las com outras linguagens – visuais, sonoras, gráficas – e que possam, a partir delas, criar significados, além de agasalhar um compromisso social de ação no mundo contemporâneo. (JESUS; CARBONIERI, 2016, p. 123).

Nessa direção, esse artefato atendeu à nossa proposta de trabalho em que, segundo as teorias dos novos letramentos e multiletramentos, o texto não está mais limitado aos modos escrito e oral, envolvendo também a construção de sentidos por meio de “outras formas de expressão, como a visual, a sonora e a digital, intensificadas pelo surgimento das novas mídias” (ZACCHI, 2015, p. 65), o autor destaca ainda que: “O

ciberespaço é também um lugar onde a multimodalidade predomina, pois nele há uma interação constante de vários modos de construção de significados” e que, segundo análise de Cope e Kalantzis (2000, p. 5): “Isso é particularmente importante nos meios de comunicação de massa, na multimídia e na hipermídia eletrônica”.

4 CONCLUSÃO

Ao valorizarmos os conhecimentos e habilidades que nossos alunos trazem de suas práticas cotidianas para a sala de aula, como foi o que aconteceu por meio dos elementos encontrados nos artefatos produzidos e, considerando o processo de produção como um todo, acreditamos estar contribuindo para a aproximação da sala de aula com os interesses que movem a curiosidade e interesse dos alunos em aprenderem algo e em aperfeiçoarem conhecimentos, como nos sugere Serres (2013) em *A polegarzinha*.

Nessa direção, entendemos que a inserção das TIC na educação pode mudar a forma de pensar, produzir e compartilhar conhecimentos. Não acreditamos em determinismos tecnológicos, pois sabemos que a tecnologia por si só não muda a educação, mas que ela potencializa a interatividade e a produção de saberes entre os praticantes culturais em *espaçostempos* multirreferenciais. Nesse sentido, defendemos uma agenda em que todos os sujeitos envolvidos no processo educacional desempenhem o papel de pesquisadores, cuja capacidade de análise crítica seja incentivada e valorizada e que exerçam sua autoria e/ou coautoria na produção de saberes e artefatos socialmente compartilhados em rede.

REFERÊNCIAS

2 MINUTOS PARA ENTENDER – Desigualdade Racial no Brasil. **You Tube**, 7 jun. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/ufbZkexu7E0>>. Acesso em: 29 maio 2017.

- ADICHIE, Chimamanda N. **Americanah**. New York: Anchor Books, 2013.
- BERGER, G. A multirreferencialidade na Universidade de Paris Vincennes à Saint-Denis: o pensamento e a praxis de Jacques Ardoino. In: MACEDO, R.S.; BARBOSA, J.G.; BORBA, S. **Jacques Ardoino & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: literacy and the design of social futures. New York: Routledge, 2000.
- EMICIDA. Mufete. **YouTube**, 21 julho 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zypOpcW62T8>>. Acesso em: 11 mar. 2017.
- EMICIDA no Cultura livre. **You Tube**, 14 out. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U3XpBf798_8>. Acesso em: 11 mar. 2017.
- GEE, J.P. **Situated Language and Learning**. New York & London: Routledge, 2003.
- HEATH, S.B. **What no bedtime story means**: narrative skills at home and at school. *Language in Society*, v.11, p.49-76, 1982.
- JESUS, D.; CARBONIERI, D. (Org.). **Práticas de multiletramentos e letramento crítico**: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas-SP: Pontes, 2016.
- JOBARTEH, Sona. Gambia. **You Tube**, 19 nov. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/PtmmlOQnTXM>>. Acesso em: 29 maio 2017.
- KELLAWAY, Kate. Chimamanda Ngozi Adichie: 'My new novel is about love, race... and hair'. *The New Review Q&A*, 7 abril 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/theobserver/2013/apr/07/chimamanda-ngozi-adichie-americanah-interview>>. Acesso em: 29 maio 2017.
- KILOMBA, Grada. WHILE I WRITE. **You Tube**, 11 maio 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/UKUaOwfmA9w>>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- KILOMBA, Grada. Plantation Memories, Part I (Engl./Port.). **You Tube**, 25 jan. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/ftRjL7E5Y94>>. Acesso em: 24 abr. 2017.
- KRESS, G. Multimodality. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: literacy and the design of social futures. New York: Routledge, 2000.
- LUCENA, S.; OLIVEIRA, A.A.D. Os softwares sociais e a web 2.0 como espaços multirreferencias em programa de iniciação à docência. **Laplage em Revista** (Sorocaba), v.3 n.2, p.34-46, maio-ago. 2017. Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/349/485>>. Acesso em: 5 jun. 2017.
- MAGAZINE: Africa's 10 Best Festivals. **Everfest**. 8 out. 2014.
- MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTOS, A.M.A. **Ensino de inglês como língua estrangeira na escola pública**: letramentos, globalização e cidadania. Jundiaí: Paco, 2015.
- MOREIRA, J.A.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p.67-84.
- RECUERO, R. **Redes sociais da internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, E.; ROSSINI, T.S.S. Comunidade REA-BRASIL no Facebook: um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p.85-112.

SANTOS, E.; MADDALENA, T.L.; ROSSINI, T.S.S. Diário hipertextual on-line de pesquisa. In: COUTO, E.; PORTO, C.; SANTOS, E. **App-Learning: experiências de pesquisa e formação**. Salvador: EDUFBA, 2016. p.93-108.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

STREET, B.V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

ZACCHI, V. Jogos Eletrônicos e Novos Letramentos no Ensino de Língua Inglesa. In: TAKAKI, N.H.; MACIEL, R.F (Org.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas- SP: Pontes, 2.ed., 2015. p.63-74.

Recebido em: 10 de Junho de 2017
Avaliado em: 3 de Agosto de 2017
Aceito em: 3 de Agosto de 2017

1. Doutoranda em Educação (UFS). Docente do Curso de Letras Inglês, do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Educação (UFS), Licenciada em Letras Português/Inglês (UFS). Email: amaliafvargas@hotmail.com.

2. Doutora em Educação (UFBA). Mestre em Educação (UFSC). Licenciada em Pedagogia (Uneb). Professora do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa ECult – Educação e Culturas Digitais (UFS/CNPq/ECult). Site: <http://grupoecult.blogspot.com.br/> E-mail: slucen@yahoo.com.br .